

O USO DE PRONOMES POSSESSIVOS COM REFERÊNCIA AO DESTINATÁRIO EM CARTAS PESSOAIS DE EVANGÉLICOS DO SÉCULO XX

EL USO DE PRONOMBRES POSESIVOS CON REFERENCIA AL DESTINATARIO EN CARTAS
PERSONALES DE EVANGÉLICOS DEL SIGLO XX

POSSESSIVE PRONOUNS FOR THE ADDRESSEE IN PROTESTANTS' PERSONAL LETTERS
FROM THE 20TH CENTURY

Francisco Jardes Nobre de Araújo*

Universidade Federal do Ceará

RESUMO: O presente artigo descreve e analisa o uso dos possessivos 'teu', 'seu' e 'vosso' numa amostra de língua escrita composta por 44 cartas destinadas a um pastor evangélico, um dos pioneiros na difusão da Assembleia de Deus pelo Norte e Nordeste do Brasil durante o século XX. Tomando como constituintes de uma comunidade de prática os remetentes dessas cartas, analisa-se o emprego dos possessivos à luz da Teoria do Poder e da Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960), considerando-se que o sistema pronominal encontra-se em variação (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968) e aplicando-se a metodologia da Sociolinguística Histórica (CONDE SILVESTRE, 2007). Os resultados apontam para um sistema relativamente em conflito, em que os usos dos pronomes não se dão categoricamente conforme as relações entre remetente e destinatário, porém as formas 'teu', 'seu' e 'vosso' obedecem, em uma medida considerável, à semântica do poder e da solidariedade descrita por Brown e Gilman (1960).

PALAVRAS-CHAVE: Pronomes possessivos. Cartas pessoais. Comunidade de Prática. Poder e solidariedade. Sociolinguística.

RESUMEN: El presente artículo describe y analiza el uso de los posesivos 'teu', 'seu' y 'vosso' del portugués brasileño en una muestra de lengua escrita compuesta por 44 cartas destinadas a un pastor evangélico, uno de los pioneros en la difusión de la Asamblea de Dios por el norte y el nordeste de Brasil durante el siglo XX. Considerando los remitentes de estas cartas como constituyentes de una comunidad práctica, se analiza el empleo de los posesivos a la luz de la Teoría del Poder y de la Solidaridad (BROWN, GILMAN, 1960), partiendo del supuesto de que el sistema pronominal se encuentra en variación (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968), y aplicándose la metodología de la Sociolingüística Histórica (CONDE SILVESTRE, 2007). Los resultados apuntan a un sistema relativamente en conflicto, en que los usos de los pronombres no se dan categóricamente conforme a las relaciones entre remitente y destinatario, pero las formas 'teu', 'seu' y 'vosso' obedecen, en una medida considerable, a la semántica del poder y de la solidaridad descrita por Brown y Gilman (1960).

PALABRAS CLAVE: Pronombres posesivos. Cartas personales. Comunidad práctica. Poder y solidaridad. Sociolingüística.

* Doutorando em Linguística (Universidade Federal do Ceará). E-mail: <jardsnobre@hotmail.com>.

ABSTRACT: This paper describes and analyzes the use of the possessive pronouns ‘teu’, ‘seu’, and ‘vosso’ in Brazilian Portuguese from sample of written material formed by 44 letters addressed to an evangelical pastor, one of the pioneers in the diffusion of the Assembly of God in the North and Northeast Brazilian regions in the 20th century. Taking as the constituents of a community of practice the senders of such letters, the use of possessives is analyzed in the light of the Theory of Power and Solidarity (BROWN; GILMAN, 1960), considering that the pronominal system is in variation (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968), and applying the methodology of Historical Sociolinguistics (CONDE SILVESTRE, 2007). The results point out to a relatively conflictuous system in which the uses of pronouns are not categorically based on sender-addressee relations, but rather the forms ‘teu’, ‘seu’, and ‘vosso’ are used, to a considerable extent, according to the semantic of power and solidarity described by Brown and Gilman (1960).

KEYWORDS: Possessive pronouns. Personal letters. Community of practice. Power and solidarity. Sociolinguistics.

1 INTRODUÇÃO

Registram-se, ao longo da história da língua portuguesa, três vocábulos usados como possessivos com referência ao interlocutor, a saber: ‘teu’, ‘vosso’ e ‘seu’. Em termos de paradigma normativo, o primeiro corresponde ao ‘tu’; o segundo, ao ‘vós’, que, até o século XVI, era usado como forma cerimoniosa para se dirigir a alguém não íntimo ou superior; e o último, ao ‘você’, que surgiu da contração de ‘Vossa Mercê’, expressão usada inicialmente (século XV) para se dirigir ao rei de Portugal, mas que, ao final do século XIX, já era de uso quase generalizado como tratamento em todas as camadas sociais e hoje. Nas palavras de Faraco (1996, p. 64), “[...] [você] é o pronome de uso comum para o tratamento íntimo, estando o pronome ‘tu’ restrito a algumas variedades regionais”.

Embora o pronome ‘vós’, com suas respectivas formas oblíquas (‘vos’, ‘convosco’) e possessiva (‘vosso’), tenha se tornado obsoleto na maior parte onde o português é falado, ainda é usado nos dialetos do norte e do centro de Portugal (RAPOSO, 2013) e pode ser encontrado no discurso religioso, sobretudo nas orações, quando se dirige a Deus ou à Virgem (CUNHA, 1986).

Lendo um conjunto de cartas redigidas por membros da igreja Assembleia de Deus, nascidos e/ou residentes no Norte e Nordeste brasileiros, e escritas entre 1940 e 1986, notei um uso recorrente do possessivo ‘vosso’ com referência ao destinatário, portanto, a um só indivíduo, além do emprego variável das outras duas formas, ‘teu’ e ‘seu’. O presente artigo¹ resulta da tentativa de compreender a variação entre os possessivos mencionados numa comunidade de prática através da escrita, considerando-se a relação e o grau de intimidade entre remetente e destinatário.

Embasa esta pesquisa o estudo de Brown e Gilman (1960, p. 252) sobre as formas de tratamento entre os interlocutores, os quais defendem que existe uma “[...] íntima associação [dessas formas] com duas dimensões fundamentais para a análise de toda vida social – as dimensões de poder e de solidariedade”² (BROWN; GILMAN, 1960, p. 252). A pesquisa fundamenta-se também no pressuposto teórico básico da Sociolinguística Variacionista, o de que “[...] toda língua constantemente sofre alteração”³ (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968, p. 100) e o de que a variação linguística tem um significado social que “[...] reside no seu valor na negociação de pertencimento social”⁴ (LABOV, 2010, p. 189). Além disso, foi considerado neste trabalho o conceito de comunidade de prática de Wenger (1998) e de Eckert e McConnell-Ginet (1999), como veremos mais adiante. Já a metodologia empregada é a da Sociolinguística Histórica, uma vez que parte da caracterização de aspectos históricos da comunidade considerada

¹ Este estudo é parte de uma pesquisa ainda em desenvolvimento no curso de Doutorado em Linguística, a qual foi registrada no Conselho de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Ceará (UFC) e aprovada sob nº CAAE 72927417.3.0000.5054.

² Todas as traduções apresentadas ao longo deste artigo foram feitas por mim. No original: “[...] close association with two dimensions fundamental to the analysis of all social life – the dimensions of power and solidarity”.

³ No original: “[...] every language constantly undergoes alteration”.

⁴ No original: “[...] lies in its value in the negotiation of social membership”.

e do contexto social para “[...] reconstruir determinadas variáveis independentes que em certas situações linguísticas do passado puderam estar correlacionadas com a variação” (CONDE SILVESTRE, 2007, p. 53)⁵.

2 OS PRONOMES E A TEORIA DO PODER E DA SOLIDARIEDADE

Na maioria das línguas naturais, conforme estudo desenvolvido por Brown e Gilman (1960), a relação entre os interlocutores é codificada através de formas dêiticas, que podem ser os tradicionalmente chamados pronomes pessoais ou os pronomes de tratamento (“*pronouns of address*”).

Os autores chamam de *T* e de *V* os dois sistemas de dêiticos de pessoas usados entre os interlocutores no tratamento de um para o outro. Assim, as formas empregadas no tratamento cerimonioso (“*polite pronoun*”) são designadas “formas *V*” (de ‘vos’, em latim), e as usadas no tratamento familiar (“*familiar pronoun*”) são as “formas *T*” (de ‘tu’, em latim).

Em seu famoso artigo de 1960, Brown e Gilman discorrem sobre a semântica desses dêiticos, considerando semântica como “[...] a covariação entre o pronome usado e a relação objetiva existente entre emissor e receptor”⁶ (BROWN; GILMAN, 1960, p. 186). Para eles, a relação entre os interlocutores baseia-se em dois princípios: o poder e a solidariedade. Explicam os autores:

Pode-se dizer que uma pessoa tem poder sobre outra na medida em que pode controlar o comportamento da outra. O poder é uma relação entre pelo menos duas pessoas, e é não recíproco no sentido de que ambos não podem ter poder na mesma área de comportamento. A semântica do poder é da mesma forma não recíproca; o superior diz *T* e recebe *V* (BROWN; GILMAN, 1960, p. 255)⁷.

Segundo eles, no tocante a essas relações, as sociedades ou se encontram em equilíbrio ou em conflito. No primeiro caso, o papel de cada indivíduo na sociedade ou perante seu interlocutor, bem como a distinção entre as classes sociais, estão claramente estabelecidos, como acontecia na sociedade medieval europeia. Já no segundo caso, as atitudes de um falante para com seu interlocutor se definem segundo a situação em que se encontram. Assim, de modo geral, numa sociedade relativamente estática, os interlocutores de posição inferior tratam os superiores por *V* enquanto estes os tratam por *T* nas relações de poder (relações assimétricas) e, nas relações simétricas, os membros das camadas sociais mais altas podem se tratar por *V* recíproco, enquanto os das camadas sociais mais baixas o fazem por *T* recíproco. Para os autores, as relações em que há intimidade ou condescendência são relações de solidariedade. Poder e solidariedade seriam, portanto, os dois fatores condicionantes do uso de *T* e *V*:

Em termos gerais, a forma *V* está relacionada com as diferenças entre as pessoas. Nem todas as diferenças entre pessoas implicam uma diferença de poder. Uma regra para fazer uso distintivo de *T* e *V* entre iguais pode ser formulada generalizando-se a semântica do poder. [...] Diferenças de poder fazem *V* emergir em apenas uma direção de tratamento; diferenças não relativas ao poder fazem *V* emergir em ambas as direções. [...] As correspondentes normas de tratamento são simétricas ou recíprocas com *V* mais provável à medida que a solidariedade declina (BROWN; GILMAN, 1960, p. 257-8)⁸.

⁵ No original: “[...] reconstruir determinadas variables independientes que en ciertas situaciones lingüísticas del pasado pudieron estar correlacionadas con la variación”.

⁶ No original: “[...] the covariation between the pronoun used and the objective relationship existing between speaker and addressee”.

⁷ No original: “One person may be said to have power over another in the degree that he is able to control the behavior of the other. Power is a relationship between at least two persons, and it is nonreciprocal in the sense that both cannot have power in the same area of behavior. The power semantic is similarly nonreciprocal; the superior says *T* and receives *V*”.

⁸ No original: “In general terms, the *V* form is linked with differences between persons. Not all differences between persons imply a difference of power. [...] A rule for making distinctive use of *T* and *V* among equals can be formulated by generalizing the power semantics. Differences of power cause *V* emerge in one direction of address; differences not concerned with power cause *V* to emerge in both directions. [...] The corresponding norms of address are symmetrical or reciprocal with *V* becoming more probable as solidarity declines.”

Para Brown e Gilman (1960), o poder pode ser baseado não apenas na riqueza, mas também na idade, no papel institucionalizado na igreja, numa empresa, no estado, nas forças armadas ou na família, além do gênero social e da força física.

Lyons (2011, p. 235) observa que o emprego de *V* não recíproco tem declinado na maioria das línguas europeias desde o século XIX, “[...] exceto no caso de adultos e crianças que não são membros da mesma família e em um ou outro caso mais especial”. Para ele, a explicação está no crescimento de atitudes mais igualitárias ou democráticas nas sociedades do Ocidente e na sobreposição do fator solidariedade, em que o uso recíproco de *T* é mais cultivado.

Na história de algumas línguas, formas *V* podem passar a formas *T*. Como exemplo disso, Brown e Gilman (1960) citam o inglês, em que a forma ‘you’ (“vós”), inicialmente *V* (quando usado para um só interlocutor), passou à forma *T* substituindo o pronome ‘thou’ (“tu”). Da mesma forma, no chamado “espanhol del Río de la Plata”, falado na Argentina, no Uruguai e no Paraguai, o ‘vos’ perdeu o valor de tratamento cerimonioso que possuía no espanhol europeu e hoje se emprega como forma de tratamento íntimo.

Na língua portuguesa, até o início do século XVI, segundo Faraco (1996), empregou-se o ‘vós’ como forma *V*. À época do Descobrimento, tal pronome já estava em declínio, sendo substituído por ‘Vossa Mercê’, que resultou, por volta do século XVIII, na palavra ‘você’, a qual foi forma *V* até fins do século XIX (cf. LOPES, 2009; RUMEU, 2013), sendo hoje empregado como forma *T* na maior parte do Brasil (FARACO, 1996).

Nas primeiras décadas do século XX, conforme alguns estudos (DUARTE, 1993; LOPES, 2007; RUMEU, 2013), acentuou-se, no português brasileiro, o uso de ‘você’ como forma *T*. O uso de formas *V* como formas *T* caracterizam o sistema em conflito descrito por Brown e Gilman (1960), e o período em que tal acontece corresponde a uma fase de variação no uso desses pronomes.

Como defendem Weinreich, Labov e Herzog (1968, p. 188), “[...] nem toda variação e heterogeneidade na estrutura linguística envolve mudança, mas toda mudança envolve variação e heterogeneidade”⁹. Assim, a função de forma *T*, no português brasileiro, passou a apresentar a variação entre as formas ‘tu’ e ‘você’ e, com isso, todas as formas oblíquas e possessivas desses pronomes passaram também a entrar em variação. Ou seja, se ‘tu’ e ‘você’ competem na função de sujeito, ‘te’ compete com ‘lhe’ na função de objeto, ‘teu’ com ‘seu’ como possessivo etc.

Em resumo, verifica-se no português brasileiro uma variação entre os dois sistemas pronominais que outrora desempenhavam funções distintas: o sistema *T* (‘tu’, ‘te’, ‘ti’, ‘contigo’, ‘teu’) varia com o sistema *V* (‘você’, ‘o’, ‘lhe’, ‘se’, ‘si’, ‘consigo’, ‘seu’), resultando num sistema misto no qual podem ser incluídas outras formas de tratamento (‘o senhor’, ‘o amigo’ etc.).

Considerando-se que as cartas analisadas neste estudo foram produzidas entre 1940 e 1986, e que todos os remetentes são membros da igreja Assembleia de Deus escrevendo para um indivíduo de destaque dentro da comunidade evangélica, algumas questões podem ser levantadas referentes ao uso dos dêiticos em tais cartas:

- 1) As relações entre os remetentes e o destinatário revelam um sistema em equilíbrio, uma vez que estão bem demarcadas na comunidade de prática de que participam, ou um sistema em conflito, já que as cartas foram escritas num período em que o fator solidariedade já havia se tornado crescente — conforme aponta Lyons (2011) para as sociedades ocidentais?
- 2) Estando o sistema em equilíbrio, quais as formas possessivas empregadas pelos remetentes considerados inferiores em relação ao destinatário e por aqueles que desempenham o mesmo papel que ele, mas sem terem muita intimidade?
- 3) Estando o sistema em conflito, admite-se a possibilidade de uso do possessivo ‘teu’ por remetentes que também empregam a forma ‘seu’ (ou outra expressão possessiva) com a mesma referência (o destinatário), revelando-se uma variação estilística¹⁰

⁹ No original: “[...] not all variability and heterogeneity in language structure involves change, but all change involves variability and heterogeneity”.

¹⁰ Coelho e Nunes de Souza (2014, p. 175) defendem que a variação do uso dos pronomes pessoais é uma variação estilística, uma vez que “[...] são formas linguísticas que representam a relação entre os interlocutores, ou seja, no estudo das formas de tratamento é evidente a *covariação* [...] entre a língua e as características dos

no uso desses pronomes. Então, qual a influência do tipo de relação entre remetente e destinatário sobre o uso do possessivo com referência ao interlocutor nas cartas?

O presente estudo tem, portanto, o objetivo de responder a essas questões e contribuir para outras pesquisas sobre o uso dos possessivos, os quais, após a inserção de ‘você’ no quadro de pronomes pessoais no português brasileiro (PB), entrou em variação resultante da instabilidade produzida pela combinação dos paradigmas da segunda e da terceira pessoas do singular (FARACO, 1996), podendo ser interpretada como um fenômeno decorrente do aumento do fator solidariedade nas relações sociais. A forma *V* ‘você’ teria adquirido o traço [+ intimidade] e reduzido sua função de reverência, quando então outras expressões tiveram de ser postas em circulação para substituí-la.

O uso variável dos possessivos, bem como dos pronomes pessoais na função de sujeito e na de complemento no PB tem gerado diversos estudos na tentativa de compreender uma das características mais distintivas do português falado no Brasil em relação ao falado em Portugal.

3 OS POSSESSIVOS EM PORTUGUÊS

Neste estudo, chamam-se de possessivos, com base em Bagno (2011), os vocábulos que indicam posse¹¹ e que tanto podem exercer a função pronominal (de substituição do nome) quanto a de determinante. As frases (1) e (2) exemplificam respectivamente essas funções:

(1) O livro de João é mais novo que o *teu*.

(2) O *teu* livro é de uma edição anterior.

Para Monteiro (2002), os possessivos compõem o paradigma dos pronomes pessoais morfológica, sintática e semanticamente, uma vez que apresentam o mesmo radical dos pessoais (‘me/meu’, ‘te/teu’, ‘se/seu’, ‘nos/nosso’, ‘vos/vosso’), completam o esquema das funções pronominais (‘eu’ – nominativo, ‘me’ – acusativo, ‘mim’ – dativo, ‘meu’ – genitivo) e atribuem a uma pessoa do discurso a noção de posse.

Quanto à distinção *T/V*, à medida que ‘você’ (antes usado como forma *V*) passou a desempenhar a função de forma *T* em variação com ‘tu’, o possessivo da terceira pessoa canônica (‘seu’) passou a competir com o da segunda pessoa canônica (‘teu’). Para Bagno (2011, p. 769), “[...] assim como ocorre com os oblíquos, os possessivos referentes a ‘tu’ e ‘você’ são usados indiferentemente na correlação com esses índices pessoais”. Em outras palavras, verifica-se no PB o uso de ‘teu’ quando o interlocutor é tratado tanto por ‘você’ quanto por ‘tu’, ocorrendo o mesmo com o uso de ‘seu’.

Acerca do possessivo ‘vosso’, este foi uma forma *V* durante o período em que ‘vós’ desempenhava esse papel para um só interlocutor e ainda o é em alguns gêneros discursivos.

Embora o uso de ‘vós’ como forma *V* singular tenha entrado em declínio em quase todas as variedades do português ainda no século XVI¹², o possessivo ‘vosso’ seguiu compondo expressões de tratamento como ‘Vossa Excelência’, ‘Vossa Senhoria’, ‘Vossa Magnificência’ etc.

falantes”, apoiando-se em Brown e Gilman (1960, p. 272), para quem “*Linguistic styles are potentially expressive when there is covariation between characteristics of language performance and characteristics of the performers*” (“Estilos linguísticos são potencialmente expressivos quando existe covariação entre características do desempenho linguístico e características dos falantes”).

¹¹ A noção de “posse” não se restringe apenas ao âmbito material e ao jurídico. Conforme Raposo (2013, p. 906), os possessivos exprimem também outras relações, como a de parentesco (*meu irmão*), e a relação entre uma parte e o todo, inclusive parte do corpo, “posse inalienável” (*meu coração*).

¹² Raposo (2013) afirma que o ‘vós’ com valor de segunda pessoa do plural mantém-se nos dialetos portugueses setentrionais e, em alguns, do Centro, portanto, nesses dialetos, ‘vosso’ ainda se encontra em plena vitalidade. O autor não descarta a “[...] possibilidade de que ainda se mantenha em uso, em dialetos muito conservadores, na fala das gerações mais velhas, como forma de tratamento de respeito” (RAPOSO, 2013, p. 130).

Apesar de a maioria dos estudiosos do português brasileiro apontar para o desaparecimento, na comunicação cotidiana popular, de ‘vós’ e de suas formas correspondentes tanto na função de *V* singular quanto na referência ao grupo para o qual se dirige, todos os pronomes da segunda pessoa do plural canônica, com referência seja ao singular, seja ao plural, são identificados nas cartas escritas por evangélicos analisadas neste estudo. Os exemplos abaixo, extraídos dessas cartas, atestam essa afirmação:

(3) Apas do Senhor seja com todos **vós** [...] que a graça do Senhor seja multiplicada em **vossos** corações. | Omeu ardente desejo,é, que esta **vós** encontre gosando amais perfeita sau|de, juntamente com todos de nossa familia. [...] aminha alma gemme dentro de mim, com desejo, de **vós** ver. [C01]¹³

(4) Muito prezado irmão Zequinha [...] | Escrevo-**vós** esta, em resposta a **vossa** mui | amável cartinha, a qual veio conforto ao | meu coração. Embora que ao mesmo tempo tenha ficado | contristada, parecia está sentindo a mesma tris-|teza que o irmão sentiu [...] foi Raimundo que | mandou o Helio filho de Fransquinha telefonar | para o sr. [...] Irmão mostrei a cartinha do sr. a| Mazú e ao Raimundinho, todos ficaram | ciente do **vossos** dizeres ficaram também | muito contristados por saberem que o irmão | não recebeu aviso nenhum. Pois Raimundinho | mandou o Hélio telefonar como já **vós** disse. [C23]

Em (3), as formas ‘vós’, ‘vossos’ e ‘vos’ têm como referência o grupo de pessoas no qual se inclui o destinatário, o que é indicado pelo determinante ‘todos’ antes de ‘vós’. Já em (4), ‘vos’ e ‘vossa/vossos’ têm como referência o destinatário, portanto, são usados como forma *V* singular, alternando com expressões como ‘o irmão’ e ‘o senhor’ (‘sr.’).

Poucas pesquisas acadêmicas têm sido feitas sobre a variação ‘teu’~‘seu’ no PB, das quais merecem destaque a de Arduin (2005) e a de Lucena (2016). A primeira analisa o fenômeno na região Sul, com amostras de fala obtidas em oito cidades dos estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, e conclui que o uso de ‘teu’/‘seu’ tende a acompanhar o uso de ‘tu’/‘você’, segundo o princípio do paralelismo formal, e que ‘teu’ é mais usado por mulheres, por pessoas menos escolarizadas, pelos mais jovens e em relações de intimidade — ou, nas palavras de Brown e Gilman (1960, p. 261), quando há “[...] uma passagem do poder para a solidariedade como o princípio semântico regulador”¹⁴. Já a segunda pesquisa tem natureza diacrônica – a amostra utilizada foram cartas pessoais escritas entre 1857 a 1979 – e constata “[...] um crescimento tímido do pronome ‘seu’, tanto nas relações simétricas quanto assimétricas ascendentes e descendentes estabelecidas” (LUCENA, 2016, p. 176).

Considera-se, neste trabalho, que o uso variável dos possessivos com referência à segunda pessoa do singular esteja relacionado ao fato de os remetentes das cartas supostamente terem mais contato com o texto bíblico (no qual os pronomes de segunda pessoa do plural canônicos, por exemplo, são bastante recorrentes), por serem todos membros da Assembleia de Deus, uma das igrejas evangélicas mais conservadoras do Brasil. Considera-se ainda que o uso dos possessivos por esses remetentes esteja relacionado à posição que cada indivíduo ocupa dentro da comunidade de prática da qual faz parte e de sua relação com o destinatário.

4 OS REMETENTES EVANGÉLICOS COMO UMA COMUNIDADE DE PRÁTICA

O estudo aqui apresentado utiliza cartas pessoais escritas por remetentes evangélicos para um mesmo destinatário, o pastor José Alencar de Macedo (1899-1991). São cartas tanto de membros da família do pastor quanto de amigos na condição de fiéis e na de colegas de ofício, caracterizando-se assim uma teia de relações centrada num indivíduo de papel proeminente dentro dessa teia.

É importante ressaltar, sobre as relações de parentesco entre alguns remetentes e o pastor destinatário, que: 1) no caso das irmãs, dos genros e da neta, não sofriam necessariamente a interferência da posição do destinatário dentro da comunidade de prática a que pertenciam, pois viviam distantes dele; 2) no caso dos cunhados, estes também eram pastores, portanto, mais do que a ligação

¹³ O código usado ao final de cada trecho de carta transcrito aqui é constituído pela letra C de “carta”, seguida do número da carta na constituição da amostra. A transcrição dos trechos extraídos das cartas mantém sem alteração o texto original. No caso de supressão de trechos, foi usada a notação [...] e, no caso de mudança de linha, uma barra vertical (|).

¹⁴ No original: “[...] a shift from power to solidarity as the governing semantic principle”.

adquirida pelo casamento com as irmãs do destinatário, estavam também ligados a este pelo ofício e pelas experiências comuns que tiveram na vida pastoral.

Em todas as cartas, podem ser verificadas as marcas linguísticas da fé evangélica, refletidas no vocabulário que os identifica como seguidores de uma vertente do Cristianismo diferente da seguida pelos católicos. Em outras palavras, as diferenças entre católicos e evangélicos não se restringem ao conjunto de crenças e dogmas de cada vertente cristã, mas também se manifestam nas práticas linguísticas, sobretudo no vocabulário.

À propriedade que certos vocábulos e expressões linguísticas têm de apontar para as identidades sociais dos falantes, para a relação estabelecida entre si ou com outras entidades tomadas como referentes na enunciação, Levinson (2007) chama de *dèixis social*. Para Vazquez (2009, p. 58), na interação entre duas pessoas, estas selecionam, a partir de um repertório oferecido por sua língua, os termos adequados para demarcar seu relacionamento, isto é, “[...] revelam seu relacionamento com sua escolha”¹⁵.

Assim, em se tratando da comunidade evangélica brasileira, especificamente da que constitui a igreja Assembleia de Deus¹⁶, algumas expressões linguísticas são utilizadas para identificar seus correligionários, como, por exemplo, a saudação através da expressão “A paz do senhor!”, o que se verifica na seção de saudação de quase todas as 44 cartas analisadas neste trabalho.

Em um país de maioria católica como o Brasil do século XX¹⁷, aqueles que decidiam seguir outra fé sentiam a necessidade de se destacar no meio em que viviam, sobretudo como forma de marcar sua identidade religiosa. Por apresentarem certas peculiaridades comportamentais, principalmente em se tratando das primeiras gerações de adeptos das igrejas evangélicas em difusão por um país maciçamente católico, podemos considerar os evangélicos que congregam numa mesma igreja uma comunidade de prática (CP), conforme definem Eckert e McConnell-Ginet (1999, p. 186):

Uma CP é um agregado de pessoas que, unidas por um empreendimento comum, desenvolvem e compartilham maneiras de fazer as coisas, maneiras de falar, crenças e valores – em suma, práticas. Uma CP pode se desenvolver a partir de uma empresa formal ou informalmente constituída: um coral, uma turma, uma equipe administrativa, uma família, uma banda de garagem, um grupo de amigos ou um departamento acadêmico.¹⁸

Para as autoras, uma CP não se confunde com uma comunidade de fala. A distinção está no modo como os membros da comunidade estão associados, o que os leva a desenvolver certas práticas as quais envolvem a construção de uma orientação em comum para o mundo ao seu redor — “A comunidade como um todo constrói um senso comum de si mesma através da relação entre suas práticas e as de outras comunidades”¹⁹ (ECKERT; McCONNELL-GINET, 1999, p. 186), sendo a prática estilística a chave de todo o processo de construção da identidade pelos membros da comunidade.

Meyerhoff (2002) associa comunidade de prática a um “domínio analítico” que, de modo geral, compreende um contingente menor de usuários, mas que também pode nos guiar a princípios do uso da linguagem com um significado mais amplo. Para ela, a CP se distingue de uma rede social: enquanto esta pressupõe *quantidade* de interação, aquela pressupõe *qualidade* de interação (HOLMES; MEYERHOFF, 1999).

¹⁵ No original: “[...] they reveal their relationship with their choice”.

¹⁶ A Assembleia de Deus foi trazida para o Brasil através dos missionários suecos vindos dos Estados Unidos, Gunnar Vingren e Daniel Berg, que desembarcaram em Belém (PA) em 19 de novembro de 1910 (cf. CORDOVA, 2012).

¹⁷ O catolicismo ainda é a religião majoritária no Brasil nas primeiras décadas do século XXI, conforme Russo e Oliveira (2011).

¹⁸ No original: “A CofP is an aggregate of people who, united by a common enterprise, develop and share ways of doing things, ways of talking, beliefs, and values – in short, practices. A CofP can develop out of a formally or informally constituted enterprise: a choir, a gang, a secretarial pool, a family, a garage band, a friendship group, or an academic department”.

¹⁹ No original: “The community as a whole constructs a joint sense of itself through the relation between its practices and those of other communities”.

Para Conde Silvestre (2012), o conceito de comunidade de prática é de difícil aplicação quando se investiga a linguagem a partir de *corpora* históricos, porém os recentes avanços na compilação de amostras de material manuscrito, como cartas pessoais, têm aberto novas possibilidades de pesquisa, oferecendo uma nova compreensão da relação entre linguagem, texto e sociedade.

Wenger (1998) estabelece três critérios para a existência de uma CP: envolvimento mútuo, empreendimento conjunto e repertório compartilhado. Os três critérios podem ser identificados no grupo de remetentes que produziram as cartas constituintes da amostra aqui analisadas, caracterizando esses remetentes como membros de uma mesma CP:

Envolvimento mútuo — cada remetente está engajado na mesma fé, compartilhando das mesmas crenças, uns desempenhando papel proeminente na igreja (os pastores, dos quais o destinatário é um), outros como seguidores dos ensinamentos daqueles (os fiéis), e outros como membros da família do destinatário, a quem pedem conselhos.

Empreendimento conjunto — os remetentes estão envolvidos na tarefa de manter e propagar a fé que professam, relatando, em muitas das cartas, o andamento das atividades de sua igreja na comunidade em que vivem, bem como costumam sugerir, ao final das correspondências, leituras bíblicas específicas para a meditação do interlocutor.

Repertório compartilhado — os remetentes empregam, em suas cartas, termos que os identificam como evangélicos, tais como “orar” (e não “rezar”), “hino” (e não “cântico”) e “culto” (e não “missa”, “reunião”), além de usarem formas específicas de tratar os demais conforme sua importância dentro da comunidade (“pastor”, “irmão”, “vós” etc.), convenções fraseológicas (“A paz do Senhor!”, “em nome de Jesus” etc.) e padrões de interação (“Saúde F. por mim”, “Recomende-me a F.”, “Para sua meditação, leia...” etc.).

Como argumenta Conde Silvestre (2007, p. 167),

Uma comunidade de prática se define, como as redes sociais, em termos de interação entre indivíduos, mas não se limita à observação dos aspectos estruturais, valorizando, por um lado, a experiência subjetiva dos membros de cada grupo acerca dos limites entre sua comunidade e outras e, por outro, considerando o tipo de atividades comuns nas quais participam e atuam seus componentes — incluindo a atividade linguística — como fatores fundamentais de sua delimitação²⁰.

Assim sendo, a CP não se define pelo espaço em que vivem seus membros, mas pelo tipo de interação existente entre eles. Desta forma, a amostra aqui analisada representa uma CP bem definida, embora seus participantes não coabitassem a mesma área, mantendo uma interação entre si a distância e encontrando-se ocasionalmente nos cultos (os fiéis com o pastor destinatário) ou raramente, por morarem em estados diferentes (as irmãs e os cunhados do destinatário).

5 A AMOSTRA E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A amostra aqui analisada foi extraída do *corpus* de Araújo (2014) e se constitui de 44 cartas escritas ao pastor cearense José Alencar de Macedo²¹, conhecido como Pastor Zequinha, nascido em berço católico na cidade de Crato em 1899. Na infância, mudou-se com a família para o Pará, onde conheceu o célebre missionário sueco Gunnar Vingren, fundador, junto com Daniel Berg, das Assembleias de Deus no Brasil. Em 1920, Vingren converteu Macedo ao protestantismo, batizando-o no povoado de Timboteua. Nos anos seguintes, o jovem passou a viajar pelo estado do Ceará difundindo a nova igreja, estendendo o trabalho também ao Rio Grande do Norte e à Paraíba. Fixou-se no município de Quixadá (CE) no ano de 1946, quando fundou a Assembleia de Deus (AD) daquela cidade, quando já era pastor, dirigindo por décadas várias congregações fundadas nos mais diversos povoados e cidades do

²⁰ No original: “Una comunidad práctica se define, igual que las redes sociales, en términos de interacción entre individuos, pero no se limita a la observación de los aspectos estructurales, sino que valora, por un lado, la experiencia subjetiva de los miembros de cada grupo con respecto a los límites entre su comunidad y otras y, por otro, considera el tipo de actividades comunes en las que participan y actúan sus componentes - incluyendo la actividad lingüística - como factores fundamentales de su delimitación”.

²¹ As informações aqui reunidas sobre o pastor José Alencar de Macedo foram extraídas de Conde (1960), Aquino (2005) e Castro (2015).

sertão central cearense. Durante seu exercício pastoral, manteve contato com muitos outros pastores da AD e um vasto número de fiéis, que o visitavam ou lhe escreviam cartas pedindo conselhos. Suas duas únicas irmãs de sangue casaram-se quando ainda moravam no Pará, cada uma com pastores da AD, os quais, como o cunhado, moraram em vários estados do Brasil divulgando a fé evangélica e fundando igrejas. Zequinha faleceu aos 91 anos, em Quixadá, em 1991.

As cartas destinadas ao pastor foram emprestadas para cópia por uma de suas filhas. Destas cartas, foram selecionadas 44 para análise, divididas em dois blocos: *cartas de relações de intimidade* e *cartas de relações de não intimidade*, contendo cada bloco 22 correspondências. A definição de “intimidade” segue os critérios estabelecidos por Nunes de Souza (2011)²², assim redefinidos: a) convivência sob o mesmo teto; b) conhecimento de detalhes da vida e rotina do outro; c) relação longa e significativa.

Cada bloco de cartas, por sua vez, foi dividido em duas categorias: *relações simétricas* e *relações assimétricas*, conforme a relação entre remetente e destinatário. O quadro a seguir apresenta com mais detalhes a amostra:

proximidade	relação	remetente	quantidade (remetente/carta)
intimidade	simétrica	irmãs	2/10
		cunhados	2/7
	assimétrica	genros	3/4
		filha	1/1
não intimidade	simétrica	pastores	10/11
	assimétrica	fiéis (homens)	5/5
		fiéis (mulheres)	6/6

Quadro 1: Configuração da amostra analisada

Fonte: produzido pelo autor

Como se depreende do quadro, são 22 cartas de relações de intimidade, das quais dezessete são de relações simétricas, sendo dez escritas por duas irmãs (cada uma escreveu cinco cartas) e sete escritas por dois cunhados (um escreveu três, o outro escreveu quatro); e cinco cartas de relações assimétricas, de inferior para superior, das quais quatro foram escritas por três genros (um deles escreveu duas cartas, os outros dois escreveram uma cada) e uma carta escrita por uma neta que foi criada como filha (por isso usa o vocativo “papai” nas cartas). As cartas de relações de não intimidade também totalizam 22, das quais onze são de relações simétricas, escritas por dez pastores (um deles escreveu duas cartas) que trocavam ideias com o destinatário sobre o ofício pastoral, e outras onze são de relações assimétricas, também de inferior para superior, sendo cinco escritas por cinco fiéis do sexo masculino e seis escritas por seis fiéis do sexo feminino.

Todos os remetentes, com exceção da neta e dos genros, tinham mais de 45 anos à época em que escreveram as cartas. A neta tinha 24 anos; e os genros, menos de quarenta anos. A idade dos remetentes não foi levada em consideração.

²² Nunes de Souza (2011) analisou a aplicação da Teoria do Poder e da Solidariedade, de Brown e Gilman (1960), em peças do teatro florianopolitano dos séculos XIX e XX controlando, dentre outras variáveis extralinguísticas, as relações de intimidade entre as personagens, considerando que havia intimidade quando: a) as personagens eram marido e mulher ou amantes; b) as personagens compartilhavam segredos; c) as personagens davam indícios de terem uma amizade antiga e significativa. Em sua pesquisa, a autora estabeleceu que “[P]ara serem considerados íntimos, é necessário que os personagens se enquadrem em pelo menos um desses critérios” (NUNES DE SOUZA, 2011, p. 153).

Quanto à procedência, todos os remetentes eram naturais do Ceará, exceto os dois cunhados (paraenses) e um dos pastores (potiguar), porém todos viveram no Ceará por algum tempo.

Assim, os grupos de fatores controlados na análise foram: *proximidade* (intimidade / não intimidade), *tipo de relação* (simétrica / assimétrica), *relação remetente-destinatário* (irmã, cunhado, genro, neta, pastor, fiel) e *sexo* (masculino, feminino).

As ocorrências de possessivos nas cartas foram transcritas, codificadas e lançadas no programa GoldVarb X para gerar os percentuais, os quais serão interpretados à luz da chamada Teoria do Poder e da Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960) comentada anteriormente. Considera-se neste estudo ‘teu’ uma forma *T* e ‘seu’/‘vosso’ formas *V*.

6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nas cartas da amostra analisada, contabilizaram-se 148 expressões de possessivo, incluindo, além dos pronomes, construções nominais formadas por *de* + nome. A tabela abaixo mostra esses resultados:

FORMAS	OCORR.	%
TEU	60	40,5
SEU	62	41,9
VOSSO	20	13,5
DO SENHOR	2	1,4
DO IRMÃO	4	2,7
TOTAL	148	100

Tabela 1: Ocorrências de expressões possessivas na amostra

Fonte: produzida pelo autor

Como se percebe, a forma ‘seu’ foi a mais recorrente (41,9%), porém em competição acirrada com ‘teu’ (40,5%). Aplicando a terminologia de Brown e Gilman (1960), as formas *V* correspondem a 59,5% das ocorrências na amostra, o que sinaliza para uma maior influência do fator poder no uso das expressões de posse referentes ao destinatário.

Como o foco neste estudo são os pronomes, as expressões possessivas ‘do senhor’ e ‘do irmão’ foram excluídas da análise. Os trechos (5) e (6) ilustram esses usos:

(5) Irmão mostrei a cartinha *do sr.* a Mazú e ao Raimundinho, todos ficaram ciente do vossos dizeres. [C23]

(6) Fico esperando a resposta *do irmão*, conforme o que o irmão queira mandar diser eu aceitarei com praser. [C14]

Note-se em (5) a alternância entre as formas *V* ‘do senhor’ (‘do sr.’) e ‘vossos’ com referência ao destinatário. Ambas as cartas das quais foram extraídos os trechos acima são de fiéis, sendo a C23 de mulher e a C14 de homem.

Tendo sido excluídas seis ocorrências de expressões nominais possessivas, restaram 142 ocorrências, assim distribuídas conforme os grupos de fatores controlados:

		'TEU'	'SEU'	'VOSSE'
SEXO	MASC.	17/60 (28,3%)	53/62 (85,4%)	15/20 (75%)
	FEM.	43/60 (71,7%)	9/62 (14,6%)	5/20 (25%)
PROXIM.	INTIMIDADE	49/60 (81,6%)	30/62 (48,3%)	4/20 (20%)
	NÃO INTIMIDADE	11/60 (18,4%)	32/62 (51,7%)	16/20 (80%)
RELAÇÃO	SIMÉTRICA	50/60 (83,3%)	40/62 (64,5%)	9/20 (45%)
	ASSIMÉTRICA	10/60 (16,7%)	22/62 (35,5%)	11/20 (55%)
TOTAL		60/142 (42,3%)	62/142 (43,7%)	20/142 (14%)

Tabela 2: Pronomes possessivos por variáveis sociais na amostra

Fonte: produzida pelo autor

Pela tabela acima, verifica-se que o possessivo 'teu' foi mais usado por remetentes do sexo feminino (71,7%), em relações de intimidade (81,6%) e em relações simétricas (83,3%) com percentuais bem acima dos 50%. Quanto ao possessivo 'vosso', 75% de suas vinte ocorrências se deram em cartas de homens e 80%, em cartas de remetentes fora do círculo familiar do destinatário, não apresentando tão grande diferença apenas quanto ao nível de relação (45% nas simétricas e 55% nas assimétricas). Já o pronome 'seu' apresentou 85% de suas 62 ocorrências em cartas de homens e 64,5% em cartas de relações simétricas, distribuindo-se de forma mais equilibrada apenas quanto à proximidade entre remetente e destinatário (48,3% nas relações de intimidade e 51,7% nas relações de não intimidade).

Conforme se pode deduzir, nas cartas da amostra, 'teu' é reafirmado como legítima forma *T*, enquanto 'vosso' o é como forma *V*, competindo com 'seu', que só se mostra mais neutro quanto à proximidade dos interlocutores.

O fato de 'teu' ter sido mais usado por mulheres do que por homens requer uma compreensão mais detalhada dos índices gerados pelo GoldVarb X. O que fez com que mulheres evangélicas, as quais (pelo menos no período em que as cartas foram escritas) costumam ser postas em condição inferior ao homem²³, usassem mais uma forma *T* para se referir ao destinatário pastor do que os remetentes masculinos? Para responder a essa questão, foi feito um cruzamento dos grupos de fatores *sexo do remetente* e *proximidade entre remetente e destinatário*. Os resultados são apresentados na tabela abaixo:

	CARTAS DE MULHERES	
	TODOS OS POSSESSIVOS	APENAS 'TEU'
TOTAL	57/142 (40,1%)	43/60 (71,6%)
REL. DE INTIMIDADE	42/57 (73,7%)	38/43 (88,4%)
REL. DE NÃO INTIMIDADE	15/57 (26,3%)	5/43 (11,6%)

Tabela 3: Ocorrências de possessivos em cartas de mulheres quanto ao grupo de fatores proximidade.

Fonte: produzido pelo autor

²³ Vale lembrar que, em seu primeiro século de existência, apenas homens exerceram a função de pastor na Assembleia de Deus, um princípio que somente nos últimos anos vem sendo discutido nas reuniões da CGADB (Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil).

Observa-se que, das 142 ocorrências de possessivos, 57 (40,1%) foram encontradas em cartas de mulheres, nas quais ocorreram também 43 (71,6%) das sessenta aparições totais de ‘teu’. Dessas 43 ocorrências, 38 (88,4%) se deram em cartas de relações de intimidade, que foram escritas pelas duas irmãs do destinatário e por sua neta criada como filha. De fato, ambas as irmãs se reportavam ao pastor predominantemente através da segunda pessoa canônica (forma *T*), como exemplificam os trechos:

(7) Meu prezado irmão Zeca, a paz de nosso | Senhor Jesus Cristo seja *contigo* e todos | de *tua* família, a mezes recebi uma car-|ta *tua* na qual *recordas* os *teus* esforços no trabalho do Senhor, sei que quando | *chegares* na presença do Senhor levando | os molhos, lá *terás* a corôa de justissa que | o justo Juiz nos dará [...] *Dá* minhas lembransas | a Maria e todos os *teus* filhos | Da *tua* | irmã que não *te* esqueesse [C22]

(8) Prezado e querido Zeca, recebi a *tua* carta fiquei | muito alegre, em ter *tuas* notícias, que *vaes* bem e | com saude, e toda a *tua* família graças ao Senhor que | nos guarda nestes dias tão difíceis.[...] Um forte abraço da *tua* irmã. [C32]

Sendo assim, a alta incidência de ‘teu’ nas cartas de mulheres se explica pelo fato de a maioria das ocorrências (88,4%) terem sido em cartas de irmãs do destinatário. Nesse caso, a dimensão da solidariedade relacionada a intimidade se sobrepôs ao fator sexo, quando costuma se estabelecer, na comunidade de prática em questão, a dimensão do poder. Já a neta criada como filha também emprega a forma *T*, porém alternando-a com formas *V*:

(9) Querido papai | Peço-*lhe* abenção | Escrevo-*te* para *darte* as minhas | notícias e saber das *tuas* | Papai sinto muita saudades do | Senhor principalmente pela manhã que | eu lembro quando eu ia bem | cedinho para ai dar o leite da Sara | e o *Senhor* esta tomando o *seu* café [...] Um abraço de *sua* filha [C38]

Já nas cartas de mulheres na condição de fiéis, que escreviam ao pastor para pedir conselhos, orações ou favores e para informar sobre a rotina, verifica-se o uso predominante de formas *V*, embora ‘teu’ também seja usado:

(10) Presado Irmão Zequinha! | Apaz do Senhor. | Aviso-*lhe* que recebi *sua* carta, sienta | dos *teus* diseres. [...] | Sem mais *abrace* a família | e *aceite* um cordial abraço da *sua* | irmã em Cristo Jesus [C20]

(11) Prezado irmão Zequinha | A paz do Senhor | Hoje é que tive condição de responder *tua* amavel carta, o *irmão* que tem muitas | experiências na vida, sabe muito bem | que [...] Peço as *vossas* orações em nome de Jesus para que o | Espírito Santo nos console. | Recomendações a irmã Mariinha e as meninas. | *Vossa* irmã em Cristo Jesus. [C36]

Quanto ao emprego dos possessivos conforme o que o remetente é para o destinatário, a tabela abaixo mostra os resultados:

	‘TEU’	‘SEU’	‘VOSSO’	TOTAL
IRMÃS	37 (94,9%)	2 (5,1%)	0	39
CUNHADOS	11 (35,5%)	16 (51,6%)	4 (12,9%)	31
GENROS	0	10 (100%)	0	10
NETA	1 (33,3%)	2 (66,7%)	0	3
PASTORES	1 (3,2%)	25 (80,6%)	5 (16,1%)	31
FIÉIS	10 (35,7%)	7 (25%)	11 (39,3%)	28
TOTAL	60 (42,3%)	62 (43,7%)	20 (14,1%)	142

Tabela 4: Ocorrências de possessivos por grupo de remetentes

Fonte: produzida pelo autor

Como se pode perceber, ‘teu’ foi a forma possessiva maciçamente empregada pelas irmãs do pastor referindo-se a ele (94,9%), o que aponta para uma relação baseada na dimensão da solidariedade. Embora fossem mulheres e poucos anos mais novas do que o destinatário, o que caracterizaria uma relação assimétrica tanto com base no sexo quanto na idade, o fato de serem suas irmãs prevalece configurando uma relação solidária, como explicam Brown e Gilman (1960, p. 258): “Se A tem os mesmos pais que B, B tem os mesmos pais que A. Solidariedade é o nome que damos para o relacionamento geral, e a solidariedade é simétrica”²⁴.

Ainda sobre o uso de ‘teu’, este não ultrapassou os 36% nas cartas de nenhum dos outros grupos de remetentes e não foi empregado nas cartas de genros, o que sinaliza para uma típica relação de poder entre estes e o pastor, de inferior para superior, embora a forma *V* utilizada por esses remetentes tenha sido ‘seu’ e não ‘vosso’. Isso pode ser explicado por o fator *intimidade* prevalecer sobre a *assimetria*, já que os genros são considerados íntimos do destinatário pelos critérios anteriormente estabelecidos. ‘Vosso’ parece estar relacionado a relações fora do círculo familiar — pastores e fiéis —, apesar de ter sido bem usado pelos cunhados. O que justificaria este uso?

Os cunhados do pastor eram também pastores, mas suas correspondências não foram codificadas como cartas de pastores, nem como cartas de relações extrafamiliares, não havendo, portanto, sobreposição de cartas envolvendo essas duas categorias (cunhados e pastores). O uso de ‘vosso’ (bem como dos demais pronomes de segunda pessoa do plural canônica) por parte dos cunhados pode ser explicado por sua familiaridade com o texto bíblico, em que tais pronomes são bastante recorrentes. Esse uso parece consistir num estilo individual influenciado por fatores outros que não a relação entre os interlocutores, como se houvesse uma dimensão semântica governando o uso dos pronomes paralelamente ao estilo do indivíduo (BROWN; GILMAN, 1960). Os trechos abaixo, extraídos de cartas de cunhados, exemplificam o uso alternante de formas *T* e *V*:

(12) Prezado irmão Zeca apaz seja *comsigo* | e família [...] Acuzo que só agora foi que | recebemos carta *tua*, mas fiquei quase pasmado | em *tú* declarar que não *tens* recebido carta nos-|sa, pois *te* digo que nós temos *te* escrito uma após | outra, e nunca tivemos resposta. || Mas agora ficamos extremamente gratos | em receber uma notícia *tua*, pois a muito que | não sabíamos o que era feito de *ti*. [...] *Diga* para o Custódio que é neces-|sário permanecer nos caminhos do Senhor. [...] Do *vosso* irmão e cunhado [C02]

(13) Prezado irmão: José Alencar de Macedo. | A paz do Senhor seja *comvosco*. | Dou em meu poder *vosso* carta de 1 de Dezembro, | a qual respondo-*vos*. [...] O que me *perguntas*, concernente a os estudos, fui-me bem [...] No sentido em *tu* falas, concernente os *teus* sofrimentos, [...] Sem mais muitas lembrança, para todos meus velhos amigos, e para to-|dos de *v*. família [...] Do *seu* irmão sempre amigo [C04]

‘Vosso’ teve vinte ocorrências na amostra, o que equivale a 14,1% do total de possessivos empregados nas cartas. Tais indicadores fazem desse pronome o menos usado de sua categoria, porém ainda com índices consideráveis no período recoberto pela amostra, pelo menos na modalidade escrita e entre os membros da comunidade de prática em análise. O possessivo da segunda pessoa do plural, no entanto, já era dado como obsoleto no português brasileiro falado do século XX, embora ainda bastante em uso em Portugal (FARACO, 1996)²⁵. Dessas vinte ocorrências, quatro (ou 20%) se deram nas cartas dos pastores cunhados, cinco (ou 25%) nas cartas dos pastores amigos e onze (ou 55%) nas cartas dos fiéis. Mais uma vez, ‘vosso’ reafirma-se como forma *V*, tendo sido mais recorrente em cartas de relação assimétrica (de inferior para superior). Em se tratando do sexo, não houve diferença significativa quanto ao uso de ‘vosso’ entre os fiéis: seis ocorrências em cartas de homens e cinco ocorrências em cartas de mulheres. Os trechos abaixo são de cartas desses remetentes:

²⁴ Na original: “If A has the same parents as B, B has the same parents as A. Solidarity is the name we give to the general relationship and solidarity is symmetrical”.

²⁵ Na pesquisa de Arduin (2007) com possessivos em amostras de fala do projeto VARSUL, coletadas em diversas cidades da Região Sul, não houve ocorrências de ‘vosso’; a dissertação de Soares (1980), com amostra de fala cearense, também não apresentou ocorrências de ‘vosso’. Monteiro (1994) fala em desaparecimento “extinção” do pronome ‘vosso’ no português brasileiro.

(14) Meu presado irmão e pastor Zequinha | a paz do Senhor Jesus seja com *tigo*, e com | todos de *vossa* Digna casa. | Sim presado irmão venho pôr meio destas Linhas Respostar a *Sua* Estimada cartinha que fui Recêbedor, sim ao Ler a *vossa* cartinha | os nossos olhos derramaram Lágrimas ao ve as *vosso* Letras escritas [C16]

(15) Muito prezado irmão Zequinha [...] Escrevo-*vos* esta, em resposta a *vossa* mui | amável cartinha, a qual veio conforto ao | meu coração. [...] Irmão mostrei a cartinha do sr. a| Mazú e ao Raimundinho, todos ficaram | ciente do *vossos* dizeres [...] portanto peço que *oreis* por mim e minha família [...] A *vossa* irmã em Cristo [C23]

Nas cartas dos fiéis, como se vê pela Tabela 4, foram contadas 28 ocorrências de possessivos, das quais a maioria (onze ou 39,3%) foi do pronome ‘vosso’, e a minoria (sete ou 25%) foi do pronome ‘seu’, tendo ‘teu’ alcançado uma recorrência intermediária (dez ou 35,7%), o que parece contrariar a semântica do poder e da solidariedade de Brown e Gilman (1960).

A relação fiel/pastor configuraria uma relação definida pela dimensão do poder, portanto assimétrica, de inferior (fiel) para superior (pastor), em que aquele usaria *V* para se dirigir a este. O percentual de forma *T* em cartas de fiéis para o pastor, portanto, aponta para um sistema em conflito, no qual “[...] a semântica da solidariedade tem ganhado supremacia” (BROWN; GILMAN, 1960, p. 260). É possível entender o uso de *T* dos fiéis para o pastor como uma reinterpretação — conforme propõem Brown e Gilman (1960) — de atributos sobrecarregados de poder, transformando-os em atributos de solidariedade simétrica. Nas palavras dos autores:

Relacionamentos como *mais velho do que, pai de, mais nobre do que e mais rico do que* são agora reinterpretados para os usos de *T* e *V* como relações de *da mesma idade que, da mesma família de, da mesma linhagem de e da mesma renda de*. Na medida em que estes relacionamentos se mantêm, cresce a probabilidade de um mútuo *T*, e na medida em que eles não mantêm, cresce a probabilidade de um mútuo *V* (BROWN; GILMAN, 1960, p. 260).

Assim, a relação entre o fiel e o pastor pode ser compreendida por alguns como uma relação entre membros da mesma igreja. Há de se considerar também que os fiéis, de modo geral, tinham idades próximas à do pastor, o que pode interferir na visão acerca da relação estabelecida entre eles quanto à simetria. Eis um exemplo de carta de fiel em que *T* alterna com *V*:

(16) Prezado irmão Zequinha | Faço votos a Deus para que *estejais* com saúde juntamente com a irmã Mariinha e todos os *teus* filhos. [...] Peço-*te* irmão que | *mande-me* dizer [...] Nada mais que *lhe* mereça atenção. [...] Muitas recomendações a irmã e os *seus* filhos, e os irmãos saúde todos com a paz do Senhor, *responda-me* esta. | *Tua* irmã em Cristo Jesus [C05]

Já os pastores preferiram a forma ‘seu’ (80,6%) a ‘vosso’ (16,1%), evitando ‘teu’ (apenas uma ocorrência em carta de pastor — 3,2%), confirmando as palavras de Brown e Gilman (1960, p. 258) sobre o uso de formas de tratamento em relações simétricas, porém sem intimidade: “[...] a solidariedade é simétrica. As correspondentes normas de tratamento são simétricas ou recíprocas com *V* mais provável à medida que a solidariedade declina” (v. nota 7). Não foi possível analisar as cartas do pastor José Alencar de Macedo para os colegas de ministério que *lhe* mandaram cartas, portanto a afirmação de que o uso de *V* (por ‘seu’ ou por ‘vosso’) tenha sido recíproco é apenas uma suposição baseada no fato de serem interlocutores do mesmo sexo, mesma faixa etária e mesma ocupação, porém sem a intimidade segundo os critérios estabelecidos. Os exemplos (17) e (18) foram extraídos de cartas de pastores:

(17) Estimado irmão Zequinha, saudações no Senhor. | Antes de tudo rogo a Deus que esta *o* en-|contre desfrutando gloriosas bênçãos celestiais, ao lado de *sua* es-|timada família [...] a fim de que nada possa impedir a *sua* vinda [...] Muito teria que dizer-*lhe*, mas me reservo | para fazê-lo com a *sua* presença que espero que seja certa | Saude a todos de *sua* mui digna família. | Na expectativa de *sua* pronta resposta [C018]

(18) Saldação com a paz do Senhor | Irmão Zequinha, é com muito prazer que hoje estou | *vos* escrevendo esta cartinha primeiramente para *vos* dar as nossas notícias, e aos mesmotempo receberas*vóssas*. | [...] O mesmo desejo que esta var-*vos* encontrar gosando as | mesmas juntamente com todos de *vossa* casa e a Igreja que ainda muito *vos* | ama. [...] só deve cér

mostrada | esta carta as pessoas de *vossa* inteira confiança [...] e neste caso segundo as *vóssas* palavras quando mi *responder* eu continuarei | tranquilo [C39]

Como já se disse, todos os pastores da Assembleia de Deus ao longo do primeiro século de existência dessa igreja eram, necessariamente, homens, de modo que a relação entre os remetentes pastores e o pastor destinatário pode ser considerada simétrica no tocante ao sexo, à faixa etária e ao ofício, mas não eram relações íntimas, por isso a rejeição à forma *T*. Nesse sentido, embora tenha sido encontrada nas cartas de pastores certa oscilação entre ‘seu’ e ‘vosso’, ambas formas *V*, pode-se dizer que, quanto à dicotomia apresentada por Brown e Gilman (1960), as relações entre esses interlocutores estavam em relativo equilíbrio, sendo o uso de ‘vosso’ em suas cartas tanto uma marca do estilo individual, influenciado pelo contato com o texto bíblico, quanto uma forma de reverência ao pastor pioneiro que, tendo sido batizado por Gunnar Vingren, levou a Assembleia de Deus a diversos pontos do Norte e do Nordeste brasileiros.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No PB, a variação dos pronomes pessoais — dos quais o possessivo é um tipo, conforme Monteiro (1994) — resulta da passagem de ‘você’ como forma *V* a forma *T*, um processo que se iniciou já no século XVIII (FARACO, 1996), mas que ainda não está inteiramente concluído em algumas regiões. Pesquisas como a de Soares (1980), Modesto (2006), Martins (2010) e Guimarães (2014) revelam uma tendência ao uso de ‘você’ ainda como forma *V*, nas interações entre pessoas não muito íntimas e em relações assimétricas.

Neste trabalho, os adeptos da igreja evangélica Assembleia de Deus (AD), os quais se correspondiam através de cartas com o pastor José Alencar de Macedo, um dos pioneiros na expansão da AD por diversas áreas do Norte e Nordeste, foram considerados como constituindo uma comunidade de prática com hábitos e comportamentos linguísticos próprios. Assim, buscou-se neste estudo analisar o uso dos possessivos ‘teu’, ‘seu’ e ‘vosso’ nessas cartas com referência ao destinatário, à luz da Teoria do Poder e da Solidariedade, de Brown e Gilman (1960), partindo do pressuposto de que ‘teu’ correspondia à forma *T* e os outros dois à forma *V*.

A pesquisa mostrou que, nas cartas dos evangélicos do século XX, as ocorrências de ‘teu’ predominaram nas relações de proximidade (81,6%) e nas relações simétricas (83,3%); ‘seu’ não se mostrou tão distintivo quanto à proximidade das relações (48,3% nas íntimas e 51,7% nas não íntimas), mas foi mais recorrente nas relações simétricas (64,5%); e ‘vosso’ — que correspondeu a 14% dos possessivos usados — predominou nas relações de não intimidade (80%). Quanto ao sexo do remetente, ‘teu’ foi mais usado pelas mulheres (71,7%), enquanto ‘seu’ e ‘vosso’ foram mais recorrentes nas cartas de homens — 85,4% e 75% de suas respectivas ocorrências.

Entretanto, foi por grupo de remetentes que o uso dos três possessivos com referência à segunda pessoa do singular (o pastor destinatário) se mostrou mais em conformidade com a descrição de Brown e Gilman (1960) acerca das formas de tratamento: nas cartas das irmãs do pastor, que mantinham com ele uma relação de intimidade e de solidariedade, ‘teu’ correspondeu a 94,9% dos possessivos, enquanto ‘vosso’ não foi usado. ‘Seu’ apresentou os seguintes percentuais de uso: correspondeu a 100% dos possessivos empregados pelos genros (relação de intimidade, porém assimétrica); a 80,6% dos possessivos empregados pelos pastores (relação de não intimidade, porém simétrica); a 66,7% dos possessivos empregados pela neta (relação de intimidade, porém assimétrica); a 51,6% dos possessivos empregados pelos cunhados (relação de intimidade e simétrica) e apenas a 25% dos possessivos nas cartas dos fiéis (relação de não intimidade e assimétrica).

Já ‘vosso’ se distribuiu entre as cartas de fiéis (39,3%), de pastores (16,1%) e de cunhados (12,9%), o que tanto pode ser sinal de reverência quanto de influência do texto bíblico, uma vez que os cunhados também eram pastores.

Quanto às questões formuladas na segunda seção deste artigo, as respostas encontradas foram as seguintes:

1) Como só houve uso categórico de ‘seu’ pelos genros e semicategórico de ‘teu’ pelas irmãs, pode-se afirmar que as dimensões de poder e solidariedade encontram-se em conflito na comunidade de prática analisada, porém não de forma tão intensa quanto apontam outros estudos sobre outras comunidades²⁶.

2) Nesse contexto em conflito, a forma possessiva mais empregada pelos remetentes considerados inferiores em relação ao destinatário em algum aspecto — a neta, os genros e os fiéis — foi ‘seu’ (46,3%, considerando-se os três grupos como um só); e também por aqueles que desempenham o mesmo papel na CP, mas sem terem muita intimidade com o destinatário — os pastores —, porém em índice bem mais alto (80,6%).

3) O uso de ‘teu’ e ‘seu’ na CP analisada foi governado, nas cartas, pelo fator solidariedade: quanto maior a proximidade e a simetria entre os interlocutores, mais recorrente foi a forma *T*.

REFERÊNCIAS

AQUINO, E. F. Pastor Zequinha: Uma vida a service de Deus. *Eclesiástica*, ano 1, n. 4, p. 10-11, mai. 2005.

ARAÚJO, F. J. N. *A variação te/lhe em cartas pessoais de cearenses no século XX*. 2014. 151 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

ARDUIN, J. *A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular ‘teu’/‘seu’ na região sul do Brasil*. 2005. 124f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. The Pronouns of Power and Solidarity. In: SEBEOK., T. A. (Ed.) *Style in Language*. Cambridge: MIT Press, 1960. p. 253-76.

CASTRO, C. *Assembleia de Deus no Ceará: 100 anos de história*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2015.

COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. Uma proposta metodológica para o tratamento da variação estilística em textos escritos. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (Org.). *Variação estilística: Reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014.

CONDE, E. *História das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: [s. n.], 1960.

CONDE SILVESTRE, J. C. *Sociolingüística histórica*. Madrid: Gredos, 2007.

_____. The Role of Social Networks and Mobility in Diachronic Sociolinguistics. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M.; CONDE-SILVESTRE, J. C. (Ed.). *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012. p. 332-352.

CORDOVA, T. *História da igreja evangélica Assembleia de Deus de Ijuí (RS)*. 2012. 53 f. Monografia (Licenciatura em História) – Departamento de Humanidades e Educação, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2012.

CUNHA, C. F. da. *Gramática da língua portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.

²⁶ Sales (2007), por exemplo, encontrou 65,5% de ‘teu’ e 26,5% de ‘seu’ dentre os possessivos usados numa amostra de 37 cartas baianas dos anos 1940; Arduin (2007) encontrou 86% de ‘teu’ e 14% de ‘seu’ numa amostra de fala de habitantes de várias cidades da Região Sul.

ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. New generalizations and explanations in language and gender research. *Language in Society*, n. 28, p. 185-201, 1999.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1993.

FARACO, C. A. O tratamento de 'você' em português: uma abordagem histórica. *Fragmenta*, Curitiba, n. 13, p. 51-82, 1996.

GUIMARÃES, T. A. A. S. *Tu é doido, macho!* A variação das formas de tratamento no falar de Fortaleza. 2014. 237 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014.

HOLMES, J.; MEYERHOFF, M. The community of practice: Theories and methodologies in language and gender research. *Language in Society*, n. 28, p. 173-183, 1999.

LABOV, W. *Principles of linguistic change*. Vol. 3: Cultural and cognitive factors. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

LEVINSON, S. C. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LOPES, C. R. Pronomes pessoais. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (Org.). *Ensino de gramática – descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 103-119.

_____. Retratos da mudança no sistema pronominal: o tratamento carioca nas primeiras décadas do século XX. In: CORTINA, A.; NASSER, S. M. G. C. (Org.). *Sujeito e Linguagem: Séries Trilhas Linguísticas*. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2009. p. 47-74.

LUCENA, R. O. P. *Pronomes possessivos de segunda pessoa: a variação teu/seu em uma perspectiva histórica*. 2016. 220 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

LYONS, J. *Lingua(gem) e Linguística: uma introdução*. Trad. Marilda Winkler Averborg e Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MARTINS, G. F. A alternância tu/você/senhor no Município de Tefé – Estado do Amazonas. 2010. 113f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

MEYERHOFF, M. Communities of practice. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLINGESTES, N. (Ed.). *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: Blackwell, 2002. p. 525-548.

MODESTO, A. T. T. *Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância tu/você na cidade de Santos – SP*. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MONTEIRO, J. L. *Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

_____. *Morfologia portuguesa*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

NUNES DE SOUZA, C. M. *Poder e solidariedade no teatro florianopolitano dos séculos XIX e XX: uma análise sociolinguística das formas de tratamento*. 2011. 280 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.

RAPOSO, E. B. P. Pronomes. In: RAPOSO, E. B. P.; NASCIMENTO, M. F. B.; MOTA, M. A. C.; SEGURA, L.; MENDES, A. *Gramática do português*, vol. 1. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. p. 45-144.

RUSSO, M.; OLIVEIRA, G. R. *Devagar e sempre, com fé em Deus: evangélicos cearenses nos censos demográficos*. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 42, n. 1, p. 129-150, jan./jun. 2011.

RUMEU, M. C. de B. *Língua e sociedade: a história do pronome “Você” no português brasileiro*. Rio de Janeiro: Ítaca, 2013.

SALES, I. A. *Aspectos linguísticos e sociais no uso de pronomes em cartas pessoais baianas*. 2007. 385 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SOARES, M. E. *As formas de tratamento nas interações comunicativas: uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza*. 1980. 160 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1980.

VAZQUEZ, Ariel. The use of *Tú* and *Usted* in Mexican Compadrazgo Relationships. *Estro: Essex Student Research Online*, v. 1, n.1, p. 58-68, jun. 2009.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMAN, W. P.; MALKIEL, Y. *Directions for Historical Linguistics – A Symposium*. Austin-London: University of Texas Press, 1968. p. 95-199.

WENGER, E. *Communities of practice: Learning, Meaning and Identity*. New York: Cambridge University Press, 1998.



Recebido em 16/06/2018. Aceito em 31/07/2018.